



## NOTAS SÔBRE A CULTURA DA FIGUEIRA

A figueira pertence ao gênero *Ficus* e à família das Moráceas, sendo considerada originária da Ásia Menor e da Síria.

Cultivada desde os tempos pre-históricos, difícil é limitar-se, com segurança, a região de onde procede essa planta.

Há um grande número de espécies de figueiras, sendo a de que nos vamos ocupar, do ponto de vista de sua exploração para produção de frutos, conhecida por *Ficus carica*, Linn.

Por muito tempo, notáveis botânicos foram acordes em afirmar a impossibilidade da fecundação das flores da figueira sem o auxílio da *caprificação*. Felizmente, os fatos vieram, mais tarde, destruir essa teoria caduca, provando o contrário do que então se afirmava. Assim, com raras exceções, vem sendo hoje explorada em todo o mundo sem que ninguém se ocupe com a fecundação com o auxílio dos blastópagos.

Cumpre-nos, entretanto, dizer que há certas variedades uníferas cultivadas na Europa, na Ásia, etc., que exigem essa operação para produzir.

### CLIMA

Do ponto de vista climatérico a figueira encontra no território brasileiro, em todos os seus estados, condições favoráveis ao seu desenvolvimento e a uma abundante produção.

Se bem que prefira clima quente e úmido, há variedades que se dão bem em zonas temperadas e até mesmo em climas frios.

Nesta última região, a cultura se faz sob abrigos ou em estufas mas os produtos obtidos não tem nem o perfume, nem o sabor dos frutos cultivados ao ar livre. Ademais, o produto fica sobrecarregado, assim, o seu custo de aquisição.

Quanto à exposição e situação, consideramos, entre as melhores, o sul e o leste.

Os mais afamados figos que se conhecem procedem de Aidium (denominados Smirna), onde a temperatura, no inverno, baixa a 2º C. abaixo de 0º e, no verão, ao sol, eleva-se a 55º C.

Vejamos os grandes centros produtores no Brasil: ao norte Pesqueira, no Estado de Pernambuco, cujas médias de temperatura são: máxima: 24,4º C., mínima: 18,7º C. e, ao sul Campinas, onde as médias de temperatura são: máxima: 26,2º C. e mínima: 14,4º C.

Experiências que se tem feito em todos os nossos estados demonstraram a possibilidade da sua exploração com resultados satisfatórios.

### VARIETADES

São conhecidos diversos tipos de figueira que se distinguem por preferências de clima, de solo, pela precocidade, pela forma do fruto, coloração, sabor, tamanho, etc.

Entre os que mais se recomendam lembramos, de passagem, os seguintes: —

a) — Grupo de figos brancos — *Branco, Violeta branca, Dato Dotato branco, Monaco, Verde gentil, Paraizo*, etc.

b) — Grupo de figos pretos — *São Pedro, Português*, etc.

Na escolha da variedade a cultivar devemos sempre ter em vista se a preferida adapta-se às condições físico-químico-biológicas do meio, se satisfaz do ponto de vista agrícola e comercial, quando destinada ao consumo *in natura* ou industrializada, etc.

Há tipos selecionados que, sendo possível, não se devem desprezar.

Estudando as variedades que se recomendam pelas suas excelentes qualidades, do ponto de vista agro-industrial, o professor Tamaro organizou um quadro, que deve ser conhecido por todos quantos se dedicam à exploração dessa planta. (Ver *Fruticultura*, D. Tamaro).

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E BIBLIOTECA

NÚMERO	DATA
F607	3/5/56

B00 23 00

Quando na região em que se deseja cultivar a figueira não existem plantações, nem elementos que nos assegurem o êxito da sua exploração, bom será fazer experiências com alguns dos melhores tipos, para conhecer os que oferecem os melhores resultados

Entre as variedades temporâneas o prof. Vallere recomenda as seguintes: *Sesse, Rizello, Colombone, Otato roxo, Figo da Senhora*, etc. Entretanto, não podemos garantir que, uma vez cultivadas no nosso país, mantenham essas qualidades que as distinguem das outras variedades.

### TERRENO

Embora seja a figueira considerada planta pouco exigente quanto à composição e topografia dos terrenos, não deixa de fornecer colheitas altamente remuneradoras quando cultivada em solos ricos e frescos.

Os melhores rendimentos tem sido obtidos em terrenos leves, sílico-argilo-humosos. Conhecemos figueirais, com regular produção, tanto nos solos sílicos do nosso litoral, como nos argilo-sílicos das zonas da Mata e até mesmo nos sílico-argilosos e pedregosos do sertão, especialmente nos estados do norte e nordeste brasileiro.

Há, porém, variedades que se não comportam bem em todos os terrenos, ou melhor, que tem suas preferências por determinados solos, pelo menos no que se relaciona com a sua maior ou menor produção. As inúmeras experiências que se fizeram neste sentido, na Califórnia, comprovaram o que acabamos de afirmar.

### PREPARO DO SOLO

O terreno que se destina ao plantio da figueira deve receber o mesmo tratamento que recebe o das outras fruteiras, isto é, ser mobilizado de acôrdo com os ensinamentos agrônômicos. O desenvolvimento e produção da planta serão tanto maiores quanto melhor for o seu preparo.

Se motivos superiores impedirem ao fruticultor preparar racionalmente os terrenos que se destinam ao plantio das suas fruteiras,

deve êle, então, preparar, com antecedência, as covas, incorporando a estas os adubos e outros fertilizantes que se tornarem precisos.

### ADUBAÇÃO

Os adubos que se administram às figueiras devem ser ricos em azoto e potassa. Das análises feitas por Carlucci e Rossi chega-se à conclusão de que uma produção de 15.000 quilos de figos frescos retira, por hectare, em quilos:

	Nitrogênio	Ácido fosfórico	Potassa	Cal
Frutos .....	13.600	7.500	28.500	2.700
Fôlhas .....	27.500	7.500	22.500	33.700

Recomenda-se, então, que se incorpore ao terreno, por hectare, 200 quilos de sulfato de amoníaco, 100 quilos de superfosfato ou escórias, 100 quilos de sulfato de potassa e 200 quilos de gesso. Afóra êsses adubos, devemos dar ao terreno um pouco de matéria orgânica, isto é, umas 10 toneladas de estêrco animal por hectare, de 2 em 2 ou de 3 em 3 anos.

### MULTIPLICAÇÃO

A multiplicação dessa planta pode ser feita por meio de sementes, renovos da raiz, mergulhia, estaca e enxêrto.

O primeiro processo é empregado para a obtenção de novas variedades. Em regra frutifica entre 8 a 10 anos.

Os renovos teem tendência para emitir novos ramos pelas raízes, razão por que não convém utilizá-los. Constituem verdadeiros ladrões, que exigem podas constantes e grandes despesas.

A mergulhia pode ser feita sem inconvenientes, não sendo, entretanto, recomendável nas grandes plantações.

A multiplicação por estaca é o processo mais prático e econômico. Escolhem-se galhos do último ano, com lenho bem

maduro, tendo o cuidado de cortá-los junto aos nós para não ficar a medula vazia, o que servirá de esconderijo a muitos vermes e outros inimigos.

O plantio, neste caso, pode ser feito no local definitivo, prendendo-se a estaca a um tutor, ou em canteiros para transplantações futuras.

Para obtenção de boas e uniformes mudas devemos recorrer aos viveiros por tornarem mais fáceis e econômicos os tratamentos.

“Os viveiros devem ser estabelecidos em lugares frescos e com boas terras, permeáveis e férteis.

As estacas preferidas devem ser as fornecidas por plantas sadias e boas produtoras. O enviveiramento deve ser feito no início da estação chuvosa, enterrando-se as estacas em posição inclinada e deixando-se fora da terra cêrca de 3 a 5 centímetros do ôlho terminal, que deve ser aparado. No enviveiramento, a distância que as estacas devem guardar entre si e em todos os sentidos, pode ser de 40 a 50 centímetros, que é bastante para facilitar a retirada das mudas com o respectivo cubo de terra. Os cuidados dispensados às plantas enviveiradas consistem em capinas e limpezas de viveiros e em irrigação, quando houver escassez de chuvas”.

Tem se obtido figueiras por meio do enxêrto de coroa sôbre ramos de 2 a 4 anos.

### PLANTAÇÃO DEFINITIVA

As plantas dos viveiros, atingindo mais ou menos um ano, conforme o seu desenvolvimento, devem ser transplantadas para covas bastante largas e profundas, (0,60 x 0,60 x 0,60), afim de que as raízes não fiquem enroladas. Alguns viveiristas costumam, por ocasião da transplantação, podar as raízes menores sem inconveniente para a planta.

As covas devem ficar bem alinhadas e guardar entre si a mesma distância.

A transplantação deve ter lugar em dia chuvoso ou nublado. Coloca-se a muda na cova, de modo que o colo da planta fique um pouco mais abaixo do nível do solo, e deita-se, primeiramente, a terra mais rica, que é a da camada superficial.

A distância a deixar entre as plantas depende da riqueza do terreno, da variedade preferida, etc. Varia entre 3,5 a 7 metros. Na de 3,5 x 3,5 em quadrado, teremos, por hectare, 817 mudas, na de 5,0 x 5,0 — 400; na de 6,0 x 6,0, em triângulo, 321 e na de 7,0 x 7,0 em quadrado 204 plantas.

Quanto a forma a dar à figueira pode ser de árvore ou moita. No primeiro caso, conserva-se uma só haste e, no último, deixam-se várias hastes ou ramos partindo do solo.

### TRATOS CULTURAIS

Como as demais fruteiras, a figueira deve receber tantas limpas quantas se tornarem precisas, principalmente na primeira fase de desenvolvimento.

Os trabalhos que visam a eliminação dos galhos secos, quebrados, ladrões, bem como as podas, etc., são operações que se devem executar sempre que se tornarem necessárias.

Durante o seu primeiro ano de vida, podem ser cultivadas em consorciação, às hortaliças, cereais, leguminosas e algumas fruteiras de curto ciclo vegetativo.

As irrigações não devem faltar, maximé durante o verão e por ocasião da transplantação, quando faltam as chuvas.

A poda deve ser praticada no seu devido tempo e por pessoas habilitadas porque, quando feita muito baixa, provoca a brotação dos galhos subterrâneos e das raízes.

Quando a figueira se apresenta com densa vegetação com prejuízo da frutificação, deve-se examinar o terreno para aplicar-lhe os corretivos necessários.

### INIMIGOS

Atacando a figueira tem sido encontradas, entre nós, as moléstias seguintes: *Corticium solmonicolor* BPB, (rubelose) ramos; *Uredo fici*, Cost, (ferrugem).

Entre os insetos daninhos temos: — *Colobogaster quadridentata* Fab, *Tacniotes sealaris* Fab, *Polyrrhaphis grandini*, Bug, *Heilipus bonelli* Boh, *Azochis gripusalis* Wlh, *Pachylia ficus*, Lin, etc. Coccidae — *Marganella Maskelli*, Ckll.

As partes atacadas pelos insetos devem ser podadas e queimadas. Os insetos e larvas existentes nas galerias dos galhos que não podem ser podados devem ser destruídos com o auxílio de um arame, que se introduz nos canais ou de gases tóxicos, tapando-se depois o orifício.

Contra os lepidópteros pulveriza-se a planta com verde Paris. Durante o verão devem ser catados e destruídos os insetos adultos.

Sendo a figueira brava hospedeira de insetos nocivos convém destruí-la sempre que se encontre próximo aos pomares.

### PRODUÇÃO

Um castas dão duas colheitas anuais, outras uma só. Entre nós, em terrenos ricos e frescos, a figueira frutifica durante todo o ano. No segundo ano começa a produzir.

O rendimento da planta depende da variedade, da riqueza do terreno, da idade, dos tratos culturais, do modo de correr das estações, etc. Há figueiras adultas que produzem mais de mil frutos por safra. Em Campinas, uma plantação de 37.000 pés produziu 750.000 quilos, ou sejam 20 quilos por pé, sendo essa baixa produção justificada pelo fato de existirem muitas figueiras ainda novas.

Segundo Tamaro, uma planta adulta pode dar de 50 a 80 quilos de figo fresco. Três quilos de frutos frescos dão 1 quilo seco.

### COLHEITA

A apanha do figo faz-se a mão, em tempo seco, depois de enxugar o orvalho.

Quanto ao estado de maturação, varia com o fim a que se destina o fruto: se para o consumo imediato, se para exportação, se para indústria de doces, etc. Cada caso exige um grau de maturação diferente. Assim é que, para secagem, são colhidos bem maduros e doces, grandes e de casca fina; para compota e doces, *de vez*; para consumo imediato, maduros, e, para exportação, quando se aproxima da maturação.

A prática e as exigências dos mercados consumidores são os melhores guias neste particular.